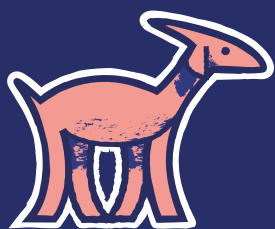




CADERNO DE CASOS
**CORREDOR SECO DA
AMÉRICA CENTRAL**





5

CESTA CAMPONESA: SISTEMAS DE PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DE
PRODUTOS AGROECOLÓGICOSREGIÃO DAKI-SV:
Corredor Seco CentroamericanoCATEGORIA PRINCIPAL:
Comercialização

CATEGORIAS COMPLEMENTARES:

**Produção biodiversa;
Inovação e Organização Social**

GRUPOS IDENTITÁRIOS:

Mulheres e Jovens

1. DADOS GERAIS

1.1 RESUMO

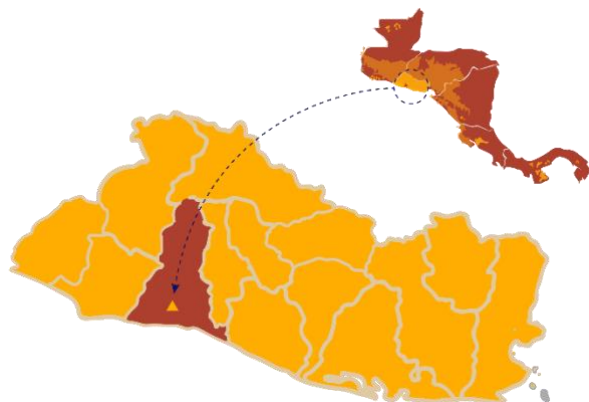
Esta experiência é desenvolvida pela Associação Cooperativa de Produção Agropecuária Cesta Camponesa de R.L (ACPACAC), composta por mulheres rurais e jovens que, frente à crise do café e às intensas tempestades ocasionadas pelas mudanças climáticas, passaram a ser protagonistas de seu desenvolvimento por meio da agroecologia e da comercialização em circuitos curtos. Em 2012, dão início a um processo de organização promovido pelo Socorro Popular Francês (SPF) e motivadas pela necessidade de trabalhar em modo articulado, para incrementar a produção.

A experiência integra a cadeia de valor sob o conceito de comércio justo, a partir da produção agroecológica, manejo pós-colheita, armazenamento, elaboração de cestas, comercialização e distribuição aos(as) consumidores(as), além de prestar serviços de assessoria técnica, capacitações, designação de equipes de trabalho, venda de adubos orgânicos e mudas. O processo de diversificação e incremento da produção agroecológica procura, em primeiro lugar, garantir a segurança e soberania alimentar dos lares; e, adicionalmente, articular-se com o mercado por meio da Cesta Camponesa, uma inovação de comercialização baseada em um sistema de circuitos curtos que aproxima os(as) produtores(as) aos(as) consumidores(as).

1.2 PALAVRAS CHAVE

Agroecologia; Comercialização; Circuitos Curtos; Comércio Justo.

1.3 LOCALIZAÇÃO



Município de Comasagua, departamento de La Libertad, na parte rural alta e baixa da Cordilheira do Bálamo, República de El Salvador, América Central.

*Mapa 1 – Localização da experiência.
Fonte: DAKI-Semiárido Vivo.*

1.4 ATORES PRINCIPAIS E ORGANIZAÇÕES PARTICIPANTES

A experiência da **Associação Cooperativa de Produção Agropecuária Cesta Camponesa de R.L (ACPACAC)** tem, como protagonistas principais, as mulheres produtoras rurais do município de Comasagua, e conseguiu agrupar 156 mulheres e homens como produtores(as) agroecológicos(as) – sócios(as) e não sócios(as) –, que abastecem a ACPACAC para satisfazer a demanda permanente de 180 sócios(as) consumidores(as). De forma adicional, articula-se com diversos produtores(as) de fora do município para permitir satisfazer a demanda de alimentos orgânicos e agroecológicos.

A cooperativa é liderada por mulheres jovens, em que as coordenadoras são mulheres, e os(as) técnicos(as) são mulheres e homens. As produtoras são as que dirigem e gerenciam a cooperativa, destacando-se em sua liderança no Comitê Diretor, Junta de Vigilância, Conselho de Administração e nos quatro comitês de trabalho.

A cooperativa é coordenada por sua junta diretora, sob a coordenação de sua presidente, com apoio das coordenadoras de comercialização, produção e administração. Elas tomam as decisões estratégicas com a Junta Diretora, reunindo-se todos os sábados. Com as produtoras sócias e não sócias, mantêm diversos espaços de participação, desde o planejamento, acordo de preços das cestas, aprovação de ideias de projetos e a busca de fundos; também se reúnem a cada segunda-feira para fazer o acompanhamento da produção e a coleta dos volumes acordados.

É uma experiência com mecanismos de participação muito evidentes, caracterizada pelos princípios de solidariedade, comércio justo e sustentabilidade ambiental, que estão presentes nas diferentes decisões estratégicas e operacionais que são tomadas de forma participativa. Outro segmento de atores com os quais foram realizadas alianças de trabalho são as ONG e as instituições públicas, assim como diversos participantes da cooperativa, em aspectos de capacitação e assessorias técnicas.

Atores diretos

Produtores(as) sócios(as) da cooperativa: são 49 pessoas (34 mulheres e 15 homens jovens) de famílias produtoras agroecológicas, ligadas à organização.

Produtores(as) não sócios(as) da cooperativa: são 107 produtores(as) (75 mulheres e 32 homens) que se dedicam à produção agroecológica de hortaliças e frutas que abastecem a cooperativa e mantêm laços estreitos de trabalho com a organização.

Produtores(as) “aliados(as)”: são produtores(as) de outros municípios que apoiam complementando a oferta de produtos agroecológicos da Cesta Camponesa (seu número varia de acordo à necessidade).

Produtor(a) líder: organiza a oferta em função da demanda, promovem os planos de quanto se deve produzir, que produzir e aqueles que serão os que abastecerão a associação. São 12 líderes em total (9 mulheres e 3 homens).

Sócios(as) consumidores(as) (“amigos (as) da Cesta”): são os(as) compradores(as) da Cesta Camponesa (180 pessoas) às quais esta é entregue a cada duas semanas, por meio de uma relação formal de compra. Alguns/Algumas dos(as) sócios(as) fazem visitas ou percorrem as áreas de cultivo para participar em algumas práticas hortigranjeiras. Nesse âmbito, há ainda os(as) consumidores(as) solidários(as): são clientes que trabalham em organizações ou instituições sociais e solidárias (ONG) e embaixadas.

Consumidores(as) locais: famílias das comunidades locais, que comprem os produtos dos(das) produtores(as) na região.

Consumidores(as) em pontos de venda: No Ministério de Agricultura e Pecuária funciona, todos os sábados, um ponto de venda que atende os(as) clientes do município de Santa Tecla.

Clientes de lojas e restaurantes: são locais de venda agroecológica particulares e restaurantes que fazem pedidos específicos; mas que, também, funcionam como pontos de distribuição para que os(as) sócios(as) consumidores(as) passem para buscar suas cestas.

Socorro Popular Francês: é uma entidade fundamental tanto no nascimento como no desenvolvimento da experiência Cesta Camponesa. Não somente proporciona cooperação econômica, mas também acompanha o processo com assessorias, o estabelecimento de alianças com outras organizações e promove o conceito de comércio justo e solidário entre as sócias.

Atores indiretos

Academia: Liceu Francês de El Salvador, Universidade de El Salvador, Universidade Luterana Salvadorenha e Universidade Centro-americana (UCA). Participam com estudos, formulação de projetos e pesquisas de utilidade para a cooperativa. Os(as) estudantes realizam estágios como parte do processo de aprendizagem. As famílias e funcionários(as) do Liceu Francês compõem os(as) principais sócios(as) consumidores(as) da Cesta Camponesa.

ONGs nacionais: instituições que proporcionam algum apoio técnico, seja em forma de assessoria, capacitações ou material de apoio, entre as quais se destacam a FUNDESYRAM e a AQUA.

Cooperação: oferecem cooperação econômica e técnica, e são elas: Socorro Popular Francês, Agência Francesa de Desenvolvimento (AFD), Agência Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento (AECID), União Europeia (UE), Embaixada da França, Associação Catalã pela Paz; produtores franceses; FUNDESYRAM e AQUA.

Instituições públicas: Ministério de Agricultura e Pecuária (MAG), Centro Nacional de Tecnologia Agropecuária (CENTA); Confederação Nacional das Micro e Pequenas Empresas (CONAMYPE), Ministério de Obras Públicas; Polícia Nacional Civil (PNC), Prefeitura de Tamanique e Comasagua, os presidentes das Associações de Desenvolvimento Comunitários e unidade de saúde.

1.5 REFERÊNCIA TEMPORAL



ANO	LINHA DO TEMPO
2000 - 2003	Crise da cafeicultura, afetando a atividade produtiva principal de Comasagua.
2001	Ocorrência de terremoto que destrói moradias e lojas, ocasiona grandes perdas humanas e de infraestrutura socioeconômica.
2009	O furacão Ida impactou sobre a região, com deslizamentos de terra e inundações, danos à atividade cafeeira e à agricultura de subsistência.
2011	A tempestade E12 impacta sobre a região, e o SPF identifica a Comasagua como um dos municípios afetados com a maior quantidade de danos. É realizado um diagnóstico participativo com as comunidades, no qual foram identificados problemas alimentares que levaram à promoção de hortas nos quintais. Inicia-se o processo de organização das mulheres, gestando-se a cooperativa.
2012	A organização de mulheres dá início às operações produtivas e de comercialização de frutas e hortaliças. Em setembro, foram entregues as primeiras 37 cestas camponesas.
2013	Inicia-se o programa. Mulheres e jovens impulsionam o desenvolvimento comunitário, com a agroecologia e sua comercialização no município de Comasagua.
2014	A cooperativa passa a ser pessoa jurídica, com a adesão de 49 membros.
2016	A Universidade Luterana Salvadorenha realiza um diagnóstico situacional da cooperativa.
2017	Adota-se um sistema contábil, são formalizadas as distintas obrigações, dando transparência às contas da cooperativa.
2018	O Socorro Popular Francês e a Agência Francesa de Desenvolvimento (AFD) dão início a um projeto de apoio à cooperativa, para promover práticas de conservação de solo e água.
2019	A aliança entre produtores(as) e consumidores(as) é fortalecida, promovendo o consumo ecológico, solidário e sustentável.
2020	A Universidade de El Salvador realiza um estudo com proposta para melhorar o modelo de gestão operativa e financeira da cooperativa.

1.6 OBJETIVOS

Objetivo Geral: Promover e apoiar o desenvolvimento solidário de uma agricultura camponesa sustentável, para garantir a segurança e a soberania alimentar da população rural e urbana.

Objetivos específicos:

- Melhorar a renda e a disponibilidade dos alimentos para as famílias produtoras da agricultura sustentável de Comasagua;
- Fortalecer o conhecimento das práticas agrícolas sustentáveis e resilientes das sócias e não sócias frente às mudanças climáticas;
- Integrar consumidores(as) à experiência, para que tomem consciência da preservação dos agroecossistemas, do consumo saudável e responsável no âmbito da agroecologia.



1.7 DESAFIO

Os principais problemas enfrentados em Comasagua eram a vulnerabilidade ambiental devido às tempestades tropicais, as secas e o incremento da temperatura, que afetaram a produção de café e a economia de subsistência, pelas recorrentes perdas ocasionadas. As tempestades geraram desabamentos e deslizamentos de terra, deteriorando as plantações, caminhos e estradas; em alguns locais as nascentes transbordaram, devido ao excesso de água no subsolo. Com a seca e o incremento da temperatura, reduz-se a produtividade do café, afetando o desenvolvimento fenológico da planta, o que contribuiu para a proliferação da ferrugem do café, fungo que deteriorou boa parte do parque cafeeiro. A economia de subsistência viu-se afetada pela seca, reduzindo-se a produtividade e a produção.

No aspecto econômico, a crise do café (2001 a 2003) deteriorou a economia de muitos(as) produtores(as) e empresários(as). Os preços baixos não permitiam cobrir os custos de produção, com o qual entraram em inadimplência com o sistema financeiro em relação aos créditos de insumos e perdendo, de forma progressiva, a confiança do sistema financeiro no tocante a continuar o financiamento da atividade; a falta de recursos reduziu o investimento e, com isso, reduziram-se as atividades de cuidado do café, decrescendo sua produção, produtividade e qualidade. As colheitas de café demandaram cada vez menos mão de obra, contribuindo ao desemprego da população rural de Comasagua. As sócias e sócios da cooperativa eram, fundamentalmente, trabalhadores(as) nas fazendas de café. O deterioramento da principal fonte de emprego gerou pressão sobre a população para emigrar. A falta de renda agudizou a problemática econômica dos lares que, somada à crise da economia de subsistência do milho, incrementou a insegurança alimentar e nutricional.

1.8 DIMENSÃO RESILIENTE

Comasagua é um município muito vulnerável às mudanças climáticas e sua variabilidade, seja pelos efeitos das intensas chuvas tropicais, acentuadas pelos efeitos dos furacões do Caribe, as secas recorrentes e o incremento da temperatura. Essas mudanças no clima têm incidência sobre deslizamentos e inundações; modificações do desenvolvimento fenológico do café, das frutas, do milho e do feijão, bem como a proliferação de fungos e pragas nas lavouras, devido ao estresse hídrico.

Por outro lado, as secas e as altas temperaturas afetam o desenvolvimento das plantas e das plantações, proliferando a ferrugem do café devido ao aumento das temperaturas, reduzindo a produtividade das principais atividades agropecuárias da região. Transitar em direção à agroecologia e suas práticas resilientes frente às mudanças climáticas contribui não somente a reduzir a vulnerabilidade ambiental, mas também é uma alternativa socioeconômica para as famílias mais vulneráveis em face da insegurança alimentar e desemprego. A inovação comercial da Cesta Camponesa reforça a capacidade do agroecossistema para que as famílias e, principalmente, as mulheres e os(as) jovens se apropriem do excedente econômico que se obtém na produção e comercialização dos produtos agroalimentares.

2. DESENVOLVIMENTO DA EXPERIÊNCIA

2.1 CONTEXTO

Na área rural do município de Comasagua, predominavam as atividades agrícolas, destacando-se a cafeicultura na parte alta (acima dos 700 msnm) e a produção de milho e feijão na parte baixa (entre 400 a 700 msnm). Em torno da cafeicultura articulavam-se os subsistemas de pecuária bovina, milho, feijão e sorgo de subsistência. Era a reserva para a mão de obra necessária em determinadas fases da cafeicultura, principalmente na colheita



de grãos (outubro a janeiro) e, depois, nas atividades culturais que são exigidas no plantio, desbaste, adubação, etc.

Entre 2007 e 2008, antes do início da experiência, o número de unidades produtivas agropecuárias era estimado em 1.619, entre as quais encontravam-se 83 grandes e médios(as) produtores(as) (13% pertenciam a mulheres); 1.536 pequenos(as) produtores(as) (12% em mãos de mulheres) e 777 de agricultura de quintal (com aves, porcos, coelhos, umas poucas plantas de abobrinhas, chuchus e uma ou duas árvores frutíferas), sob a responsabilidade das mulheres. Em Comasagua funcionavam 4 cooperativas da reforma agrária, dedicadas ao café, e 3 beneficiadoras para o processamento do café.

As práticas agrícolas eram convencionais, baseadas na utilização de agrotóxicos e monoculturas. O município e os lares dependiam da compra de hortaliças, tubérculos e frutas de outros municípios, devido a que a maior parte da produção era de café e, em menor medida, de milho. Os homens trabalhavam nas fazendas de café e nas culturas de subsistência, e as mulheres nas tarefas do lar e na criação de galinhas, porcos e hortaliças no quintal de casa, produzindo somente para o autoconsumo.

A experiência surge logo após o desastre das chuvas torrenciais provocadas pelo furacão Ida em 2009 e a tempestade E12 em 2011 e tendo, como antecedente, a crise cafeeira que afetava a economia de subsistência de milho e feijão na região. As condições do meio ambiente vinham se deteriorando devido às secas recorrentes, ao aumento da temperatura e às persistentes chuvas tropicais. Esses fenômenos geravam perdas econômicas e o abandono da cafeicultura.

Muitas fazendas tinham descuidado dos cafezais; outras vendiam suas propriedades, que logo eram destinadas ao turismo, casas de campo, extração de madeiras e a substituição do café pelo cultivo do abacate. O agroecossistema dos cafezais estava sendo deteriorado quanto à biodiversidade e à água, devido ao desmatamento.

Em relação ao aspecto econômico, com a crise e o deterioramento da agricultura, os(as) moradores(as) enfrentavam um intenso desemprego e perda na renda. A agricultura era a principal atividade econômica, seguida pelo comércio e, em menor medida, pela produção artesanal de micros e pequenas empresas. Em 2008, o país havia enfrentado uma deterioração na dinâmica econômica, resultado da crise financeira internacional.

Quanto ao aspecto social, as comunidades do município são de descendentes de origem nahuat-pipil e mestiços(as). O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) local era de 0,648 em 2009, muito abaixo da média nacional de 0,731, situando-se na posição 205 entre 262 municípios. Nesse mesmo ano, 31% dos lares são geridos pelas mulheres e a taxa de analfabetismo, na área rural, era de 30%. Comasagua possuía uma população muito jovem, onde 66% de seus habitantes tinham menos de 29 anos e, a esta situação, somava-se a injustiça de gênero no acesso à terra e ao conhecimento.

E, também, um dos problemas mais críticos tem sido a insegurança alimentar. Em 2007, 35,8% dos lares estavam em situação de pobreza extrema, cujas rendas não alcançavam para satisfazer a cesta alimentar. A dieta da população pobre era baseada em feijão, tortilhas de milho e alguns vegetais. Nesse mesmo ano, 25,6% dos(as) alunos(as) de primeiro ano escolar apresentavam retardo em crescimento, como produto do déficit alimentar das crianças. Essa situação se agravou ainda mais com a presença dos fenômenos climáticos, tais como as tempestades Ida e E12 em 2009 e 2011. Havia, no entanto, em forma local, um tecido organizacional de importância, tal como são as 21 associações para o desenvolvimento comunitário (ADESCOS), uma Associação de Mulheres Comasaguenses - com comitês em 9 comunidades -, e uma associação de agricultores(as), ainda que não se tivesse uma organização de mulheres que promovesse a agricultura sustentável e oportunidades de renda e alimentos para as famílias. Nos lares e na comunidade prevalecia,



contra as mulheres, a violência, a ridicularização e a exclusão em relação à gestão econômica dos agroecossistemas.



Imagem 1 – Cesta Camponesa. Fonte: Arquivo Canasta Campesina.

2.2 HISTÓRICO

A primeira fase, ou gênese da experiência (2009/2012), começa em novembro de 2009, quando o furacão Ida provocou intensas chuvas com deslizamentos de terra e inundações que resultaram em perdas humanas e produtivas e, além disso, contribuiu para a proliferação de doenças fúngicas nas lavouras da região. Diante da devastadora situação, o Socorro Popular Francês (SPF) realizou um diagnóstico no departamento de La Libertad, para proporcionar ajuda humanitária de emergência. Em 2011, outro grande impacto na região foi a tempestade E12, que afetou ainda mais a infraestrutura socioeconômica e a produção agropecuária, em especial em Comasagua, região identificada pelo SPF, na ocasião, como um dos municípios afetados por mais danos e necessidades.

Diante da situação, o SPF, a prefeitura de Comasagua, o acompanhamento técnico de FUNDESYRAM e algumas Associações para o Desenvolvimento Comunitário (ADESCOS) da região realizaram um diagnóstico participativo com as comunidades do município, onde foram identificados aspectos pertinentes como, por exemplo, que alguns(algumas) agricultores(as) conheciam e implementavam práticas agroecológicas nas lavouras de

hortaliças. A informação levou a que se promovessem hortas nos quintais de 257 famílias, para satisfazer uma parte das necessidades de alimentos. A cooperação técnica e econômica estava centralizada na implementação das hortas caseiras com um componente nutricional, ação que contou com a cooperação do SPF, apoio técnico da FUNDESYRAM e Médicos pelo Direito à Saúde (MDS).

Com a ação das hortas, as mulheres de Comasagua começaram a participar dos processos de capacitação em práticas de agroecologia para produzir hortaliças e frutas. Desde o princípio as mulheres passaram a ser gestoras das áreas de cultivo e de seu desenvolvimento, dando início a um processo de transformação que foi empoderando-as de modo gradativo. Além disso surgiram, no diagnóstico, exigências econômicas para incrementar a produção e fortalecer a comercialização dos alimentos produzidos nas hortas. Para atendê-las, o SPF trabalhou com a comunidade no conceito e na proposta da Cesta Camponesa.

Em 2012, algumas mulheres adultas e jovens que trabalhavam nas hortas de quintal da comunidade do Peñón do Município de Comasagua, dão início a um processo de organização, motivadas pela necessidade de trabalhar de forma articulada para incrementar a produção e melhorar a comercialização de hortaliças e frutas. Com a participação de 12 famílias, nasce a Associação Cooperativa de Produção Agropecuária Cesta Camponesa de responsabilidade limitada (ACPACAC), cujo principal objetivo tem sido ser um instrumento de apoio jurídico e financeiro para os(as) produtores(as) na comercialização de produtos.

Nesta fase inicial, foram implementadas pesquisas de mercado local, na qual foram identificados os(as) potenciais consumidores(as) e Organizações Não Governamentais de apoio e micro e pequenos(as) agricultores(as) e cooperativas agrícolas que se encontravam na área. A aliança e acompanhamento do Liceu Francês de El Salvador foi alcançada, e assim deu origem à iniciativa inovadora da Cesta Camponesa, inicialmente com a participação de cerca de 20 famílias e com a missão de garantir a soberania alimentar e desenvolver um pequeno negócio local. Ainda em 2012 dá-se início às operações produtivas e comerciais de frutas e hortaliças e, em setembro desse mesmo ano, foram entregues as primeiras 37 cestas camponesas, dirigidas a pais e mães de famílias do Liceu Francês.

No âmbito da aliança, os(as) alunos(as) do Liceu Francês desenvolveram um estudo local sobre como as hortaliças são produzidas e quais são as vantagens e desvantagens entre as lavouras orgânicas e as convencionais. O estudo foi apresentado para as famílias e, a partir disso, propôs-se criar uma coletividade de consumidores(as) e produtores(as): a modalidade consistia em que a produção agroecológica fosse vendida diretamente a esses(as) consumidores(as), por meio de um mecanismo de economia justa e solidária onde os conteúdos, quantidades, tamanhos e preços das cestas eram acordados entre as partes. Com a proposta, o SPF apresentou um projeto para financiamento da União Europeia (UE), o qual foi aprovado para três anos de execução.

Inicia-se, assim, uma segunda fase da experiência (2013 a 2015), com a execução do projeto em conjunto com a União Europeia. Nesse contexto são aprofundados os conceitos de economia social e solidária, os circuitos curtos de comercialização sem intermediários, e avançam com a participação direta das mulheres produtoras em todo o processo de produção e comercialização. Fortaleceu-se também a parte organizativa, onde os produtores e produtoras receberam capacitações técnicas, insumos, ferramentas e metodologias de comercialização, ampliando-se o número de consumidores(as) de produtos orgânicos do projeto, além de um processo de sensibilização para a integração, à iniciativa, de maior número de mulheres e jovens.

A ACPACAC, em 2014, passa a ser pessoa jurídica, com a afiliação de 40 mulheres e 9 homens. Com essa passagem à institucionalização, assumem novos desafios e oportunidades de como alcançar maior institucionalização e estabelecer convênios ou compromissos legais. Assim, as alianças de cooperação técnica são incrementadas, firmando-se um convênio entre ACPACAC e a Universidade Luterana Salvadorenha, com o



qual a cooperativa obtém assessoria e capacitações em agroecologia, estudos e recomendações para melhorar seu desempenho. Com a experiência, as mulheres se converteram paulatinamente em gestoras das áreas de cultivo e líderes da organização, acabando com mitos e desafios impostos ao trabalho das mulheres, dentro e fora de seus lares.

A terceira fase (2016 a 2018) é caracterizada pelo aprofundamento do acompanhamento técnico da FUNDESYRAM e o estabelecimento de uma aliança com o Comitê Francês de Solidariedade Internacional, com o qual foram compartilhadas experiências profissionais entre produtores(as) franceses(as) e produtores(as) da cooperativa. A partir daí, melhoram aspectos da institucionalidade, das questões administrativas e contábeis e as responsabilidades frente ao fisco e as prestações da lei aos(as) trabalhadores(as), tais como o seguro social (ISSS) e o pagamento ao fundo de pensões (AFP). Em 2018, o SPF Francês e a Agência Francesa de Desenvolvimento dão início a um projeto de acompanhamento à cooperativa, para promover práticas de conservação de solos e água, para a produção agroecológica.

Uma quarta fase (2019 a 2020) é considerada quando foram fortalecidas as alianças entre produtores(as) e consumidores(as), com o fim de promover uma produção agroecológica e um consumo solidário e sustentável. Para tanto, estimulou-se o consumo ecológico, responsável e solidário por meio do estabelecimento de relações comerciais e sociais.

Nesse período, a Agência Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento (AECID) e a Associação Catalã para a Paz (ACP) foram incorporadas e continuaram a apoiar o SPF, melhorando os canais e instrumentos de informação e articulação entre produtores(as) e consumidores(as), e os canais curtos de comercialização foram consolidados com a implementação de campanhas de comunicação locais e nacionais, e foi criado um sistema de autocertificação e as TICs foram incorporadas à iniciativa. Além disso, em 2019, começou a funcionar a Escola Agroecológica Camponesa (ECA), que facilitou a formação local de uma nova cultura de desenvolvimento rural sustentável e inclusivo.

E por fim, em uma quinta fase (2020 a 2022), a cooperativa teve que superar os desafios e as barreiras que a pandemia de COVID 19 impôs, com a implementação de um período de quarentena e de medidas de distanciamento social, uso de máscaras e desinfetantes. A cooperativa implementou um plano frente à COVID para não deter seu funcionamento, no qual as redes digitais foram utilizadas com maior intensidade para poder manter a comunicação entre as produtoras e os(as) clientes.

Diante da suspensão das aulas presenciais no Liceu francês e de alguns escritórios que fecharam suas instalações, optando pelo trabalho remoto, a cooperativa se mobilizou para levar o produto o mais próximo possível de seus clientes, melhorando a aproximação dos(das) consumidores(as). Além disso, foram tomadas medidas sanitárias para proteger a saúde das produtoras, consumidores(as) e técnicos(as).

Em fins de 2020, a Universidade Luterana Salvadorenha realizou um estudo de mercado para melhorar o modelo de gestão operativa e financeira da cooperativa. Também, com o apoio técnico e financeiro do SPF, a cooperativa Cesta Camponesa pôde comprar um terreno agrícola no município, denominado ECOFINCA. Finalmente, 2021 foi um ano especial para continuar adaptando-se ao novo contexto da COVID-19, melhorando os sistemas de comunicação digital e ampliando a cobertura de abastecimento produtivo, para satisfazer a demanda dos(as) consumidores(as).

2.3 DESCRIÇÃO TÉCNICA DE PRÁTICAS E/OU PROCESSOS

A produção agroecológica e a comercialização em circuitos curtos são as estratégias fundamentais da iniciativa, sendo ambas interconectadas, já que a primeira abastece a segunda. Existe, assim, uma sinergia



entre as fases da cadeia de agroalimentos e, abaixo, apresentam-se as duas principais práticas desenvolvidas: a Cesta Camponesa e a produção agroecológica.

Cesta Camponesa: é uma inovação de comercialização, baseada em um sistema de circuitos curtos para a venda a consumidores(as) permanentes. São comercializadas 22 variedades de hortaliças, 8 de frutas e, de acordo à temporada, incluem-se ovos de galinha, mel e chocolate. A experiência integra a cadeia de valor sob o conceito de comércio justo, a partir da produção agroecológica, manejo pós-colheita, armazenamento, elaboração das cestas, comercialização e distribuição aos(as) consumidores(as), além de prestar serviços de assessoria técnica, capacitações, venda de adubos orgânicos e mudas, e designação de equipes de trabalho.

Os(as) sócios(as) consumidores(as), ou amigos(as) da cesta, estabelecem uma relação contratual com a cooperativa para comprar, a cada quinze dias, uma cesta de produtos agroecológicos, pagando 50% em adiantamento, o qual é utilizado para financiar os investimentos nas áreas de cultivo. As cestas são de três tamanhos, pesos e preços, de acordo à quantidade pedida: a) pequena, de 7 kg; b) média, de 10 kg e c) grande, de 14 kg; e os produtos agroecológicos são fornecidos pelas pequenas agricultoras, principalmente do município de Comasagua.

Além dos(das) consumidores(as) permanentes, nos fins de semana os produtos são vendidos na sede da cooperativa no município de Comasagua e em determinados pontos de venda, como no mercado agrícola, nas instalações do Ministério de Agricultura e Pecuária e na cidade de Santa Tecla, departamento de La Libertad. Do total do pagamento pela venda dos produtos, as produtoras recebem 90% do mesmo e a cooperativa obtém os 10% restantes, que são utilizados para enfrentar os gastos operacionais e administrativos da iniciativa de comercialização. A cooperativa utiliza Tecnologias Digitais de Comunicação Social para promover a iniciativa, contatar clientes, fazer novas inscrições e manter comunicação permanente, por meio de diversas plataformas digitais.

Produção agroecológica: para produzir as hortaliças, frutas e ovos que são comercializados pela iniciativa, a cooperativa organizou-se em três modelos de produção:

- a. Hortas caseiras e áreas de cultivo a céu aberto, sendo 178 unidades produtivas;
- b. Utilização de microtúneis em 24 áreas de cultivo;
- c. Utilização de estufas de arco treliçado e outras estufas, em 14 áreas de cultivo.

As sócias e não sócias são capacitadas na implementação de diferentes práticas agroecológicas e, para tal, contam com a colaboração de 2 técnicos contratados pela cooperativa, com alianças de trabalho com a FUNDESYRAM, a Universidade Luterana Salvadorenha e a Universidade de El Salvador. Recentemente deram início ao desenvolvimento de uma escola agroecológica que contribui para a formação das produtoras.

Nas áreas de cultivo é implementada uma grande diversidade de práticas, de modo que os sistemas agroprodutivos têm se diversificado paulatinamente, incorporando o plantio de hortaliças, frutas, produção de adubos orgânicos, obras de conservação, sistemas de coleta de água, sistemas de irrigação, macrotúneis e a utilização de estufas de arco treliçado e o manejo integrado de pragas.

Os insumos tais como adubos orgânicos, bocashi e mudas de hortaliças são vendidos pela cooperativa aos(as) sócios(as) e a preços módicos; além disso, boa parte das produtoras produzem seus próprios adubos orgânicos e as caldas bordalesas e de cinzas. Os(as) sócios(as) obtêm água para irrigação de suas lavouras através de nascentes de água próximas a suas áreas de cultivo. As estufas de arco treliçado e os macro e microtúneis são doações de cooperadores(as), bem como a infraestrutura para o armazenamento e distribuição dos produtos, que foram doados pela cooperação internacional. É importante ressaltar que as sementes de hortaliças são compradas no mercado.



Em conjunto, os três modelos de produção produzem 53 toneladas de alimentos: 39,31 toneladas de hortaliças (tomate, alface, rabanete, cebolinha, plantas aromáticas, pepino, pimentão, cenoura, berinjela, beterraba, vagem, agrião, aipo, pipián [um tipo de abóbora típica da região], feijão, espinafre e chuchu) e 13,88 toneladas de frutas (banana, manga, tangerina, laranja, limão, abacate, sapote, banana e mamão). A maior parte da produção provém das áreas de cultivo a céu aberto, com 47 t.; as estufas produzem 5,05 t., os macrotúneis 0,82 t. e as hortas, com apenas 0,39 t. Em 2017, chegou-se a produzir o valor correspondente a US\$ 53.109,00.



Imagem 2 – A produção dos cestas. Fonte: Arquivo Canasta Campesina.

2.4 ETAPAS DE IMPLEMENTAÇÃO

O processo de implementação da cesta camponesa funciona a partir dos seguintes passos:

1. Inscrição dos(as) sócios(as) consumidores(as)

Este processo tem início com o registro dos dados pessoais dos(as) sócios(as), os quais escolhem o tipo de cesta que desejam comprar. No início, devem pagar 50% do valor da cesta, no momento de sua inscrição, ou seja, de forma adiantada. Esses recursos são investidos na produção de hortaliças e frutas agroecológicas, e o restante deve ser pago gradualmente, de acordo à entrega das cestas aos(as) sócios(as) consumidores(as). Também se paga o custo das cestas de bambu, que servem para a entrega dos insumos.

O tempo mínimo de inscrição dos(das) sócios(as) consumidores(as) é de 3 meses e um máximo de 6; a seguir, renova-se a inscrição. A frequência da entrega é de forma semanal, e o conteúdo e diversidade dos produtos varia de acordo à temporada de colheita.

No período mínimo de 3 meses, o(a) sócio(a) receberá seis cestas, uma a cada quinze dias. A metade do custo total é paga por adiantado, bem como o valor da cesta de bambu que é devolvida vazia à cooperativa a cada vez que um novo produto é recebido. Ao final, o valor restante é pago em acordo com a cooperativa.

2. Armazenamento, manejo pós-colheita, embalagem e distribuição semanal

Todas as semanas são realizadas as seguintes atividades de seguimento:

- Às segundas-feiras reúne-se o comitê de produção da cooperativa para planejar e organizar a produção e o seguimento dos diferentes processos de produção. Nesse momento garante-se a colheita de produtos exigidos para abastecer as cestas da semana;
- Às terças e quartas-feiras acontece a coleta dos produtos, em que cada produtora entrega a quantidade acordada. A cesta é conformada com os produtos locais e, em alguns casos, é complementada com os produtos que oferecem os(as) produtores(as) aliados(as), localizados(as) fora da região. Os produtos são recolhidos nas instalações da cooperativa e procede-se à preparação das cestas. A cobrança do valor das cestas é realizada a cada quinze dias;
- Às quintas-feiras distribuem-se as cestas aos(as) sócios(as) consumidores(as) e aos pontos de venda tais como lojas e restaurantes;
- Às sextas-feiras e aos sábados desenvolvem-se atividades de comercialização dos excedentes da produção no mercado local, a consumidores(as) que compram os diversos produtos: hortaliças, frutas, plantas aromáticas, galinhas e ovos.

3. Planejamento e monitoramento mensal

Realiza-se, na primeira segunda-feira de cada mês, uma reunião de coordenação na qual participam a presidente da cooperativa, representantes das mulheres sócias e representantes das produtoras e produtores não sócios(as). Uma das principais tarefas é formular e acompanhar, de modo participativo, o planejamento do plantio em função dos compromissos adquiridos com os(as) sócios(as) consumidores(as). Esse planejamento do plantio é anual e, para cumprir seu desenvolvimento, cada produtor(a) se compromete a alcançar metas específicas de produção e entregar determinada quantidade de produtos para a Cesta Camponesa.

Além disso, são abordados aspectos de organização e acompanhamento do andamento dos planos de produção, bem como a disponibilidade de recursos econômicos; insumos, a produção de adubos orgânicos e caldos minerais; disponibilidade de sementes, plantas, água, equipamentos e manejo de doenças e pragas; implementação de práticas de controle do solo e da água; abordagem da etapa da colheita, tal como a colheita e o manejo pós-colheita; embalagem e entrega dos produtos. A cada ano os(as) sócios(as) revisam os preços, tomando como referência os preços do mercado e os custos de produção, estabelecendo um padrão de preços para todo o ano e evitando as flutuações.

4. Divulgação do uso das TICs

A cooperativa conta com um sistema de tecnologias digitais de comunicação social, por meio das quais se difunde informações sobre as atividades que desenvolve e sua oferta de produtos orgânicos, informações que podem ser acessadas pelos(as) sócios(as) que integram a cooperativa, os(as) sócios(as) consumidores(as),



os(as) potenciais clientes e o público em geral. O sistema de comunicação e difusão por meio de redes digitais é realizado graças à cooperação da Associação Catalã pela Paz/AECID.

Sua **página web** conta com um aplicativo por meio do qual os(as) sócios(as) consumidores(as) podem pedir os produtos que desejam em forma online. Utilizam também diversas páginas online com conteúdo didático e explicativo sobre a experiência, para dar-se a conhecer aos(as) potenciais e atuais clientes: redes sociais, WhatsApp, e-mail, Instagram. Além disso, a iniciativa desenvolveu o aplicativo de uma Biblioteca Virtual, que permite aos(as) produtores(as) parceiros(as) ter informações atualizadas sobre manejo e produção, doenças de plantas e seu tratamento, bem como informações sobre diferentes insetos e seu impacto nas lavouras. Foi desenvolvida sob a iniciativa da cooperativa com a cooperação acadêmica de estudantes de Engenharia Agroecológica da Universidade Luterana Salvadorenha.

2.5 RECURSOS NECESSÁRIOS

Cooperação internacional: Desde o princípio até atualmente, contou com a contribuição econômica e técnica do Socorro Popular Francês. No período 2013–2015, houve cooperação financeira da União Europeia, e desde 2017 com o Comitê Francês de Solidariedade Internacional (CESI); a Agência Francesa de Desenvolvimento oferece cooperação econômica de 2018 até a presente data; a Agência Espanhola de Cooperação Internacional, por meio da Associação Catalã para a Paz, fornece apoio financeiro e técnico, desde 2019 até o momento. A embaixada francesa em El Salvador compra as cestas camponesas para proporcionar alimentos às comunidades necessitadas no âmbito da pandemia. A cooperação econômica contribui para a compra de equipamentos e meios de transporte e construção de infraestrutura; assessoria técnica e insumos para treinamento e intercâmbio; compra de terrenos para a ECOFINCA (1 quarteirão de terreno), etc.

Acadêmico: a Universidade Luterana Salvadorenha, a Universidade de El Salvador e a Universidade Centro-Americana (UCA) oferecem apoio por meio de capacitações e pesquisas, com suas recomendações para melhorar o desempenho da cooperativa e das produtoras. O Liceu Francês proporcionou estudos e oportunidades para comercializar com os pais e mães de família e funcionários(as) da instituição; além disso, possibilita intercâmbios com produtores(as) da França e com a Escola Superior de Agro-Desenvolvimento Internacional da França (ISTOM).

ONG: A FUNDESYRAM proporciona material didático, tais com guias técnicos e vídeos; capacitações, assistência técnica, assessoria em agroecologia, promove mercados agroecológicos, intercâmbio de sementes e conhecimentos entre comunidades. A AQUA proporciona capacitações e formação em processos relacionados a questões de soberania alimentar, lei de água, acesso à terra para a agricultura e sobre agroecologia.

Instituições públicas: A prefeitura de Comasagua, a Unidade de Saúde e as ADESCOS proporcionam recursos materiais e humanos para trabalhar com as escolas públicas, em campanhas ambientais, no controle de segurança alimentar, projetos de conscientização em agroecologia e alimentação saudável e livre de agrotóxicos. No Centro Nacional de Tecnologia Agropecuária Enrique Álvarez Córdova, do Ministério de Agricultura e Pecuária, com estudos de laboratório de solos e água, bem como no estabelecimento de intercâmbio de camponês a camponês está a CONAMYPE, promovendo a participação na área de rede de negócios digitais.

Cooperativas agropecuárias: intercambiam conhecimentos em agroecologia, por meio da metodologia de camponês a camponês e, também, para completar a demanda de alimentos da Cesta Camponesa, quando não se consegue cobertura com as sócias ou os(as) produtores(as) locais.



Empresa privada: Os pontos de venda, proporcionados por empresas como The Green Corner e compradores(as) atacadistas, para depois distribuir produtos alimentares tal como o Yek Tunal.

Os(as) sócios(as) consumidores(as) (amigos da cesta): contribuem não somente comprando a Cesta Camponesa e mantendo a fidelidade nas compras, mas também estimulam a solidariedade e o comércio justo. Do valor total das vendas, a cooperativa reserva 10% da renda para ela própria, para cobrir gastos administrativos e operacionais.

2.6 RESULTADOS E IMPACTOS

Maior controle sobre os recursos da área de cultivo. Após a implementação das práticas no âmbito da experiência, os agroecossistemas obtiveram maior controle sobre: biodiversidade, água, fertilidade do solo, forragens, mão de obra familiar e fornecimento de diversos alimentos saudáveis, melhorando o controle e a qualidade do capital ecológico (solo, água e biodiversidade). Passaram da produção de milho para o cultivo de mais de 22 variedades de hortaliças e 8 variedades de frutas, integrando a criação de galinhas de quintal.

A fertilidade do solo melhorou substancialmente com práticas de manejo ao utilizar-se adubos orgânicos, calda bordalesa e de cinzas, cobertura vegetal, terraceamento e cumes para cultivo, uso de árvores como quebra-ventos e barreiras vivas; valas e poços de infiltração; com algumas práticas, a umidade e a estrutura do solo são mantidas, e a água é captada e faz-se uso de pequenos sistemas de irrigação artesanal. Nas áreas de cultivo gera-se emprego para a família. Os resultados do maior controle dos recursos é fruto das capacitações e acompanhamento técnico para promover a agroecologia.

Autonomia na compra de insumos e serviços do mercado. Após a implementação da experiência e em relação ao passado, as áreas de cultivo têm maior autonomia nas relações com o mercado, reduzindo a compra de insumos e serviços: produzem os seus próprios adubos orgânicos, melhorando o acesso aos adubos; as mudas são compradas pelos(as) sócios(as) da cooperativa; a água é captada com práticas de manejo do solo e conservação de umidade. No entanto, no caso do aluguel da terra e compra de sementes para hortaliças, a relação permanece dependente do mercado.

Crescimento do capital social da cooperativa com a maior participação e integração das famílias e das mulheres. As famílias melhoraram sua participação em espaços de organização, principalmente os(as) jovens e as mulheres que a ela pertencem. O nível de participação na gestão das áreas de cultivo e na organização é mais elevada que antes da criação da cooperativa. Hoje as mulheres são capacitadas, acessam determinadas políticas públicas e à cooperação por meio da experiência.

Melhorou-se a responsabilidade das famílias e das mulheres sobre a biodiversidade. A reserva viva de alimentos (frutas, hortaliças e galinhas), o armazenamento de insumos (sementes e adubos), o acesso aos mercados para a venda de seus produtos e diversificação da renda agrícola e não agrícola melhoraram de forma considerável. As famílias que se incorporaram dependem menos do mercado de trabalho das fazendas de café e mais das áreas de cultivo e das tarefas de comercialização, gerando autonomia.

As mulheres melhoraram sua autoestima e liderança. Desde uma perspectiva de gênero, as mulheres alcançaram espaços de tomada de decisões, liderando a organização e as produtoras.

2.7 MECANISMO DE VALIDAÇÃO

As práticas de produção agroecológica foram validadas nas diferentes áreas de cultivo, de acordo às condições de cada uma. E, também, a prática de comercialização em circuitos curtos da Cesta Camponesa levou a um processo de crescimento em função das experiências e conhecimentos que vão adquirindo e validando. Na



medida em que as práticas são implementadas e dão resultados viáveis do ponto de vista cultural e econômico, que não exijam muito trabalho e sejam rentáveis, estas são adotadas e, após o processo de aprendizagem, são validadas.



Imagem 3 – Distribuição de cestas. Fonte: DAKI-Semiárido Vivo, 2022.

3. ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA

3.1 INOVAÇÃO

É uma prática de comercialização inovadora, já que não existia na região nem no país. A inovação é caracterizada pela integração de diferentes conhecimentos e saberes; e, além disso, gera novas experiências que fortalecem as capacidades de inserção no mercado, por parte da cooperativa e das sócias. Sua natureza é dinâmica e permite que o conceito se adapte às características culturais do país. A inovação desenvolvida integra três grupos sociais: as sócias da cooperativa, os(as) produtores(as) não sócios(as) que fornecem produção à cooperativa e os(as) sócios(as) consumidores(as) que adquirem as hortaliças e frutas que a cooperativa oferece. Estes três grupos sociais são o pilar e o suporte principal da iniciativa, um sistema inovador de produção e comércio.

A produção agroecológica de hortaliças, frutas e galinhas integra diversas áreas: a) A técnica produtiva, valendo-se de diferentes práticas; b) A social, integrando as mulheres sob o enfoque de gênero, que as empodera no acesso aos meios de subsistência, em saberes para conhecer e saber fazer, na organização/liderança para conduzir o processo e, principalmente, exercer o poder diante da injustiça de gênero no lar, na fazenda e na organização; além disso, incorporaram jovens, que têm poder de decisão; c) A política, em conscientizar para reduzir ou limitar a subordinação comercial às empresas fornecedoras e

produtoras de agrotóxicos, alimentos, financiamento, e optar por consumir de forma saudável e responsável, já que se consome o que é produzido pela agricultura familiar, produzem seus próprios adubos orgânicos e fazem o controle integrado de pragas. Para implementar este último componente, isso é feito por meio de capacitações em agroecologia, soberania e segurança alimentar e espaços de influência política com outras organizações.

A agroecologia é uma prática inédita em um município, onde interagem a agroexportação cafeeira com a agricultura de subsistência do milho, baseadas em práticas convencionais apoiadas em agrotóxicos e adubos industriais. Inovadora porque produz uma diversidade de hortaliças, frutas e ovos para o mercado nacional e local, recuperando os solos, a água e a biodiversidade e, nesse sentido, atende às necessidades locais de preservação do agroecossistema.

3.2 FATORES DE SUCESSO

Como fatores de sucesso da iniciativa, destacam-se:

- A agroecologia baseada na produção e uso de adubos orgânicos para a produção de hortaliças e frutas é uma alternativa para as mulheres, diante da crise do café e da agricultura de subsistência baseada em grãos básicos (milho e feijão);
- O método de articulação entre produtores(as) e consumidores(as), baseado em circuitos curtos de comercialização, que aproximam ambos os atores por meio da venda da Cesta Camponesa; e que, também, gera um recurso econômico para investir nas áreas de cultivo;
- Desenvolvimento de sistemas agroalimentares em função da demanda de alimentos agroecológicos;
- As mulheres agricultoras empoderadas são as líderes do processo, com capacidade de tomar decisões pelo coletivo;
- Cultura de comunicação presencial e digital que foi desenvolvido com as produtoras e a cooperativa.

3.3 LIMITAÇÕES

A cooperativa alcançou um desenvolvimento de sucesso, porém também possui limitações, tais com as seguintes:

- Acesso a meios de vida como a terra: as mulheres são as que têm menos oportunidades de acessar a terra, já que a mesma está principalmente em mãos de homens, cafeicultores e cooperativas;
- Dificuldades de acessar a água na parte alta do território, devendo investir em sistemas de coleta de água, a qual é limitada em função das necessidades;
- Alta de custos pela compra de insumos que se adquirem fora do agroecossistema, o que afeta as operações da cooperativa;
- Pouca capacidade das instituições públicas locais de interagir no acompanhamento da iniciativa e na articulação com o governo central, para que este seja sócio do desenvolvimento local;
- Ainda que a cooperativa gere renda, ainda depende de fundos da cooperação, já que não é autossustentável em função dos grandes investimentos que se realizam em infraestrutura e estratégias digitais de mercado;
- Nos últimos 18 meses, houveram problemas de participação de algumas sócias, principalmente pela pandemia de COVID-19.



3.4 LIÇÕES APRENDIDAS

- A primeira coisa que voltariam a fazer é produzir com foco na agroecologia, para obter uma diversidade de alimentos saudáveis para a família e a comunidade, preservando o capital ecológico.
- O modelo de circuito curto de comercialização denominado cesta camponesa tem sido fundamental para o desenvolvimento do sistema de produção agrícola e da apropriação dos excedentes econômicos, para dispor de capital de trabalho sem depender de empréstimos e manter um mercado garantido.
- As relações e alianças com diversas instituições e organizações têm potencializado o trabalho das mulheres, obtendo capacitações e conhecimentos, estudos e propostas, projetos e gestões para obtenção de recursos; além de cooperação econômica e técnica, acesso a mercados, fazer bons/boas amigos(as) e parceiros(as) para o desenvolvimento sustentável.
- Um aspecto que se faria de forma diferente seriam as relações com os atores públicos locais e nacionais. Considera-se que poderiam oferecer mais do que já têm proporcionado, e conseguir que tenham um papel importante nas alianças para o desenvolvimento; faltou, de parte daqueles, maior proatividade.
- Empoderar as mulheres de meios de vida, o que implica garantir o acesso à terra própria, ainda continuam com essa limitação.
- Necessitam produzir suas próprias sementes; isso exige muito trabalho técnico e de alianças com instituições de pesquisa, bem como organizações que tenham experiência no manejo de material fitogenético próprio.



*Imagem 4 – Organização da produção no espaço Canasta Camponesa.
Fonte: DAKI-Semiárido Vivo, 2022.*

3.5 SUSTENTABILIDADE

A experiência demonstra sustentabilidade técnica, ao mesmo tempo em que: contribui para a melhoria da segurança alimentar e rendas das produtoras; contribui à conservação do capital ecológico do agrossistema, como o são a terra, a água e a biodiversidade; exemplo disso é que deixaram de utilizar adubos químicos e hoje utilizam adubos orgânicos, bem como práticas que geram uma estrutura mais saudável do solo; passaram de monoculturas a uma variedade de culturas; e coletam água para a irrigação.

É inclusivo para as jovens e mulheres, alcançando maior participação da família nas tarefas agroprodutivas das áreas de cultivo. Desde o ponto de vista técnico, a inovação do sistema de circuito curto para a comercialização é funcional, gerando renda e rentabilidade para as produtoras. No entanto, a cooperativa ainda não é autossustentável e depende de recursos da cooperação para seu funcionamento operacional. Assim, 10% da renda das vendas que é direcionada à cooperativa ainda não é suficiente para cobrir seus custos, e falta avançar no número de clientes e volumes de venda, para chegar ao ponto de equilíbrio da sustentabilidade financeira.

3.6 REPLICAÇÃO E/OU ESCALONAMENTO

Existem processos de intercâmbio com diversas comunidades, no âmbito da iniciativa. A inovação da Cesta Camponesa de hortifrutigranjeiros agroecológicos tem potencial para ser replicada em outros territórios, desde que atendidas determinadas condições, tais como a existência de um mercado próximo, a aproximação entre produtores(as) e consumidores(as) e que a liderança seja exercida pelos(as) próprios(as) produtores(as) organizados(as). É considerada de fácil replicação, ainda que não tenham sido identificadas outras experiências similares no país.

Quanto ao escalonamento, é de se destacar que um segmento de mulheres produtoras alcançou passar de produzir em quintais para níveis de áreas de cultivos maiores, no princípio. Posteriormente, conseguiu-se avançar a maiores níveis de escala de produção na região, alcançando maior número de áreas de cultivo a céu aberto, uso de macrotúneis e estufas de arco treliçado. Nesse sentido, atualmente há maior escala de produção, porém ainda é possível avançar muito mais.

3.7 CONTRIBUIÇÃO À AMPLIAÇÃO DA RESILIÊNCIA CLIMÁTICA AMBIENTAL

A agroecologia que as mulheres sócias da cooperativa implementam é caracterizada por promover agroecossistemas integrados que dependem, em boa medida, dos insumos gerados no interior deles: adubos orgânicos, esterco de galinha, captação de água, conservação de áreas de recarga de água; o manejo de árvores frutíferas, energéticas e florestais e práticas agrícolas para resiliência.

Os circuitos curtos de comercialização, baseados na experiência da Cesta Camponesa, contribuem para a redução das emissões de gases de efeito estufa; isso devido à redução na emissão de dióxido de carbono, devido ao menor consumo de combustíveis fósseis pela redução da distância de comercialização. Com frequência, as hortaliças consumidas em El Salvador são comercializadas em longos circuitos, desde a República da Guatemala (Quetzaltenango e Chimaltenango), até os principais pontos de venda da Grande San Salvador/El Salvador; estes meios de transporte de mercadorias percorrem mais de 400 km.

Com os circuitos curtos de comercialização, o transporte das cestas camponesas – desde o município de Comasagua até os pontos de distribuição e residências dos(das) consumidores(as) na cidade de San Salvador e Santa Tecla –, percorre no máximo 25 km, o que reduz significativamente a distância e, conseqüentemente, o consumo de combustíveis fósseis, contribuindo para a mitigação do aquecimento global.



3.8 CONCLUSÕES

A Cesta Camponesa é uma inovação que integra a produção nos campos de cultivo, o consumo no lar e a comercialização de agroalimentos. As etapas estão integradas, evitando conflitos. O processo de diversificação e aumento da produção agroecológica busca, em primeiro lugar, satisfazer a segurança alimentar e a soberania das famílias; e, adicionalmente, os(as) consumidores(as) solidários(as) são articulados(as) por meio da cesta camponesa. Essa integração é feita por meio do planejamento da cooperativa e das áreas de cultivo, com planos de fazenda para cada produtora e plano de vendas da cooperativa, que leva em consideração as necessidades alimentares das famílias e, em segundo lugar, a demanda das cestas.

É uma inovação de comercialização que aproxima os(as) produtores(as) dos(as) consumidores(as) no âmbito do conceito de comércio justo e saudável. Há toda uma tecnologia organizacional de trabalho, desde a incorporação de sócios(as) consumidores(as), planejamento da cooperativa e planos de fazenda com práticas agroecológicas, com todos(as) os(as) produtores(as); fornecimento de insumos para o cultivo de hortaliças com base no que for necessário, como um pagamento antecipado; cálculo da demanda com base nas cestas comprometidas; recolhimento antecipado das cestas aos(as) consumidores(as), recursos que são utilizados para investir nas áreas de cultivos de sócios(as) e não sócios(as); venda de mudas para agricultores(as); semeadura, acompanhamento do desenvolvimento da planta, cuidado das áreas de cultivo e estufas; colheita, manuseio pós-colheita, embalagem e distribuição das cestas, além da venda de excedentes no mercado local do município e municípios vizinhos. Além disso, são realizadas atividades administrativas de contabilidade, gestão da cooperativa, capacitação de agricultores(as) e consumidores(as).

Esta inovação atende as necessidades das comunidades em adquirir seus produtos hortícolas, o qual permite que a cooperativa consiga uma renda para financiar suas atividades e apoiar as famílias, o qual contribui à sustentabilidade para com os processos agroprodutivos que os(as) sócios(as) desenvolvem em suas áreas de cultivo. E, finalmente, garante segurança e soberania alimentar para as famílias e a comunidade, contribuindo a resolver desafios tais como a vulnerabilidade econômica, gerando renda e emprego; a vulnerabilidade social, proporcionando alimentos às famílias e à comunidade e promovendo a agroecologia, o que contribui com a resiliência diante das mudanças climáticas.

4. DEPOIMENTOS

“Com a crise do café e as mudanças climáticas, perderam-se fazendas de café, que foram convertidas em restaurantes, moradias ou simplesmente foram abandonadas; isso foi um duro golpe para o meio ambiente”

“Nas fazendas de café, os salários eram menores para as mulheres, em relação ao que recebiam os homens; nos lares havia maus tratos psicológicos de parte dos irmãos mais velhos, sempre por serem mulheres, tendo que suportar todo o trabalho da casa”.

Doribel Machado, productora de la cooperativa. (entrevistas 18/10/21)

“As mulheres da cooperativa participam de diversos processos de incidência política local e nacional. Com a prefeitura e o governo central, trabalhou-se para melhorar as vias de acesso; com as escolas, em gerar consciência sobre a alimentação saudável e agroecológica; lei de soberania alimentar; e o acesso à terra”

Kasandra Portillo, presidenta de la cooperativa. (entrevista 4/01/2022)



5. FONTES

AID Consulting S.L (2010). Sistematización de la canasta campesina. San Salvador.

Alcaldía de Comasagua (2012), Plan de competitividad municipal del municipio de Comasagua – La Libertad 2012 – 2016; elaborado por el Sistema de Asesoría y Capacitación para el Desarrollo Local, SACDEL y financiado por USAID, Comasagua.

Campos, Arnulfo; Lemus, Alvarado y Rivera, Dora María. (2015). Plan de comercialización para la “Fundación para el Desarrollo Económico – Social y Restauración Ambiental (FUNDESYRAM)” en Comasagua, La Libertad. Caso de estudio proyecto “La canasta campesina”. Universidad de El Salvador, San Salvador.

Castillo, Ana; Munguía, Nohemy, Rodríguez, Luis. (2020). “Modelo de gestión de las áreas operativa y financiera para el crecimiento y auto sostenibilidad de la asociación cooperativa de producción agropecuaria canasta campesina de R.L. (ACAPCAC de R.L.), en el municipio de Comasagua, departamento de La Libertad”. Universidad de El Salvador, San Salvador.

Serrano, Carolina; Ordoñez, Sandra y Sandoval, Julio. (2016). Diagnóstico situacional y de mejora de la Canasta campesina, Universidad Luterana Salvadoreña, San Salvador.



Imagem 5 – Produção de cestos. Fonte: Arquivo Canasta Campesina.

Sistematización finalizada en noviembre de 2021.

O **Projeto DAKI – Semiárido Vivo** é uma iniciativa de Gestão do Conhecimento e Cooperação Sul-Sul entre regiões semiáridas da América Latina, com foco na ampliação da resiliência dos povos e comunidades dos semiáridos aos efeitos das mudanças do clima. Centrado nas regiões do Grande Chaco Americano (Argentina), Corredor Seco da América Central (El Salvador) e Semiárido Brasileiro, o projeto atua identificando conhecimentos acumulados em experiências de agricultura resiliente ao clima, para criar pontes e intercâmbios entre boas práticas e seus protagonistas, e desenvolver capacidades técnicas através de processos de formação. A ação é financiada pelo Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA), coordenada por duas redes da sociedade civil – Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA) e a Plataforma Semiáridos da América Latina –, e executada por um consórcio de organizações sociais: AP1MC do Brasil, FUNDAPAZ da Argentina e FUNDE de El Salvador.

A sistematização de experiências é um dos componentes do projeto DAKI-Semiárido Vivo, que tem como objetivos identificar, organizar, dar visibilidade e compartilhar aprendizagens

sobre experiências e boas práticas sustentáveis e mais resilientes às mudanças climáticas, nas três regiões de atuação do projeto. Respeitando a riqueza de contextos, atores, natureza e modos de vida que compõem os semiáridos, os processos de sistematização se deram de modo articulado e heterogêneo, partindo da diversidade dos territórios para a interseção proposta pelo DAKI-Semiárido Vivo. Nesse sentido, cada região desenvolveu metodologias e processos de sistematização próprios, que seguiram critérios e categorias comuns, adaptados aos contextos locais. Estes processos seguiram as seguintes etapas: levantamento e identificação de experiências; sistematização em profundidade; produção de materiais e intercâmbios de conhecimento. Este material é resultado do processo de sistematização em profundidade, que gerou a Coleção de Experiências DAKI-Semiárido Vivo e com seus respectivos Cadernos de Casos.

No Caderno de Casos Corredor Seco da América Central, foram identificadas, selecionadas e sistematizadas 10 experiências. A metodologia empregada seguiu os seguintes passos: (1) identificação das fontes de informação primárias e secundárias e formulação de perguntas, de acordo com os eixos da sistematização; (2) desenvolvimento dos instrumentos metodológicos usados na coleta de dados (questionário, guia de perguntas e matriz de informações coletadas); (3) realização de encontros, entrevistas, oficinas e visitas de campo com os atores e atrizes das experiências. Com os instrumentos aplicados (questionários, guia de entrevista ou resultados de grupos focais e identificação de informações-chave dos documentos), foram obtidas informações primárias e secundárias. A partir dessas informações, foram reconstruídos cada um dos casos, para então realizar as análises durante uma oficina com os principais envolvidos. Os primeiros resultados foram apresentados e discutidos com a equipe técnica do DAKI-SV, com o objetivo de obter observações e contribuições. Uma vez superadas as recomendações, procedeu-se para o retorno e validação dos casos, junto aos principais atores da experiência.

PUBLICAÇÃO

Metodologia, Elaboração e Texto

Rene Antonio Rivera

Edição e Revisão

Esther Martins, Ismael Merlos e Juliana Lira

Tradução

MF Traducciones

Projeto Gráfico

André Ramos [AR Design]

EQUIPE PROJETO DAKI-SEMIÁRIDO VIVO

Coordenação Geral e Coordenação Semiárido Brasileiro

Antonio Barbosa

Coordenação Grande Chaco Americano

Gabriel Seghezzo

Coordenação Corredor Seco da América Central

Ismael Merlos

Gerência de Sistematização de Experiências

Esther Martins

Coordenação Pedagógica

Júlia Rosas

Gerência de Monitoramento e Avaliação

Eddie Ramirez

Gerência de Comunicação

Livia Alcântara

Acompanhamento técnico, metodológico e de produção de conteúdo

Juliana Lira e Lara Erendira Andrade

Apoio Administrativo

Maitê Queiroz

Equipe de Monitoramento e Avaliação

Aníbal Hernandez e Daniela Silva

Equipe de Comunicação

Daniela Savid, Florencia Zampar e Nathalie Trabanino



Proyecto ejecutado por



Financiado por

